

Contextualizando: Oficina Regional de Apoio Técnico: Cartografia de Inclusão Social e CEMARIS - Censo e Mapa de Risco Pessoal e Social.

1. Cartografia de Inclusão Social - Análise dos mapas

Ressalta-se que há cerca de alguns anos estamos acompanhando o desenvolvimento de técnicas e métodos relacionados ao trabalho cartográfico dos Territórios de abrangência dos **CRAS** e **CREAS**, com a utilização de mídias sociais e dispositivos tecnológicos diversos (móveis, de rede local e outros). No intuito de possibilitar o desenvolvimento de práticas voltadas para o chão concreto, para o lugar de vida cotidiana das pessoas. Essa(re) emergência do território como categoria analítica nos convida a novas ideias e elaborações.

Nessa construção já percebe-se relatos de conquistas realizadas nos territórios urbanos e rurais, aos serviços públicos, áreas de quilombo, áreas indígenas etc., e podemos avançar muito mais, como exemplo a verificação de como estão vivendo as comunidades ribeirinhas, extrativistas, áreas atingidas por projetos inconclusos nas cidades-sede e rural, a migração de indivíduos de território para território(?), dentre tantos outros.

A problematização do território e territorialização se norteia com base em concepções diversas a fim de promover o diálogo das atribuições e desafios da Vigilância Socioassistencial e especialmente da estratégia de acompanhamento às famílias. Observa-se no caminhar da história, que os mapas são relevantes para a identidade de um grupo, à medida que exigem reflexão, generalização e seleção das informações de um determinado território. Essa produção de conhecimento, que vem bem antes da preparação do produto final, é o que verdadeiramente empodera a população, pois viabiliza as ações de pensar, refletir, sentir, sonhar, criar e, finalmente, agir. Como podemos observar na troca de experiências dessa oficina, que os mapas são representações concretas do espaço vivido e pensado e, como tal, são o retrato de uma comunidade, de um povo, dos moradores de uma localidade. Essas realidades podem ser reproduzidas a partir da visão de grupos distintos, como crianças, idosos, mães, pescadores, agricultores, artesãos, professores, agentes de saúde. Para cada grupo, ter-se-á uma visão diferenciada do território e, por consequência, um mapa distinto e único. A intersectorialidade e a participação dos atores sociais, que são os moradores desses espaços territoriais, é parte fundamental desse trabalho.

REFLEXÃO: A PARTIR DESSA CONSTRUÇÃO ONDE O DIAGNÓSTICO SE APRESENTA EM TEMPO REAL, PODEMOS FAZER COM A COMUNIDADE REFLEXÕES SOBRE “OS MAPAS DO FUTURO” OU MAPAS REFERENTES AO PLANEJAMENTO IDEAL DA COMUNIDADE, CONFORME SITUAÇÃO PROBLEMA LEVANTADAS DURANTE A ELABORAÇÃO DO MAPA(?)